

Da *biopolítica* à *necropolítica*: notas sobre as formas de controles sociais contemporâneas

DANIELA CECILIA GRISOSKI*

BRUNO CÉSAR PEREIRA**

Resumo: O presente trabalho configura-se como um breve ensaio teórico que possui como objetivo geral problematizar as possíveis relações entre a concepção de *necropolítica*, cunhada pelo teórico camaronês Achille Mbembe, e a noção elaborada pelo filósofo francês Michel Foucault de *biopolítica*. Para tal, a pesquisa se pautou no viés qualitativo, se caracterizando como uma pesquisa exploratória de materiais bibliográficos, em que foram usadas produções referentes ao conceito de *necropolítica* e *biopolítica*, buscando realizar uma problematização acerca da contraposição que perpassa ambos conceitos. A partir da análise realizada, percebe-se que o termo cunhado por Mbembe como um contraponto à ideia de *biopolítica*, entretanto esta não é refutada. As publicações de Mbembe concebem-se enquanto uma passagem de uma *biopolítica* à uma *necropolítica*, no que se refere às realidades das periferias das sociedades capitalistas da contemporaneidade, dando sentido a outros contextos sociais, os quais não se enquadram à realidade europeia.

Palavras-chave: Necropolítica; Biopolítica; Controle Social; Pós-colonialismo.

From *biopolitics* to *necropolitics*: notes on the forms of contemporary social controls

Abstract: The present work is a brief theoretical essay that has as a general objective to problematize the possible relations between the conception of necropolitics, coined by Achille Mbembe, the Cameroonian theorist, and the notion elaborated by the French philosopher Michel Foucault of biopolitics. For this, the research was based on the qualitative bias, being configured as an exploratory research of bibliographical materials, being these productions referring to the concept of necropolitics and biopolitics, seeking to carry out a problematization related to the contraposition that permeates both concepts. From the analysis carried out, we can see that the term coined by Mbembe as a counterpoint to the idea of biopolitics, however, is not refuted. Mbembe's publications are conceived as a transition from a biopolitics to a necropolitical one, with regard to the realities of the peripheries of contemporary capitalist societies, giving meaning to other social contexts, which do not fit into the European reality.

Key words: Necropolitics; Biopolitics; Social Control; Postcolonialism.



* **DANIELA CECILIA GRISOSKI** é psicóloga pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGPSI/UUEL).



** **BRUNO CÉSAR PEREIRA** é mestrando do programa de Pós-Graduação em História e Regiões da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO).



Achille Mbembe e Michel Foucault - Fonte: Google Imagens.

Introdução

O presente artigo configura-se como um breve ensaio teórico que possui como objetivo geral problematizar as possíveis relações entre a concepção de *necropolítica*, cunhada pelo teórico camaronês Achille Mbembe (2018), e a noção elaborada pelo filósofo francês Michel Foucault (2008) de *biopolítica*.¹

Duarte (2007), aponta que o conceito de *biopolítica* se tornou uma importante ferramenta para que sejam traçados diagnósticos das conjunturas políticas contemporâneas. Foucault apresenta concepções referentes à *biopolítica* em distintas obras, como, por exemplo: *Em defesa da sociedade* (1999), *História da sexualidade: vontade de saber* (2017), e *O nascimento da biopolítica* (2008), sendo esta última a obra que aqui será utilizada para abarcar tal concepção, levando em consideração que a mesma é resultado de um curso ministrado no *Collège de France* entre os anos de 1978 e 1979, e pode ser considerada como um indicativo de amadurecimento do conceito de *biopolítica*, que já havia sido

trabalhado em outras ocasiões anteriores (LAUDINO, 2016).

A *biopolítica* foi citada pela primeira vez por Foucault no último capítulo do livro *História da sexualidade: a vontade de saber* (2017). Neste capítulo, o autor compreende a *biopolítica* como um poder que gere a vida. Para nos situarmos, é preciso ressaltar que, anteriormente ao que Foucault denominou como *biopolítica*, fazia-se presente um poder de soberania, o qual era pertencente a um único sujeito, o soberano, que era a personificação do poder, o detentor dos direitos sobre a vida. Era ele quem decidia entre o fazer morrer ou deixar viver.

A partir do século XVII, com o surgimento dos ideais liberais difundidos no contexto europeu, o poder dissociou-se da figura de um soberano, passando a estar pautado em diversas esferas de um contexto social. Como apontado por Furtado e Camilo (2016, p. 35) ao discutirem o pensamento foucaultiano, “[...] O poder opera de modo difuso, capilar, espalhando-se por uma rede

¹ Parte das discussões apresentadas neste artigo foram inicialmente exploradas em um resumo expandido apresentado no “1º Congresso da Pós-Graduação em Psicologia da UEL”, realizado ao longo de 2018.

social que inclui instituições diversas como a família, a escola, o hospital, a clínica. Ele é, por assim dizer, um conjunto de relações de força multilaterais”. Com isso, “[...] pode-se dizer que o velho direito de causar a morte ou deixar viver foi substituído por um poder de causar a vida ou devolver a morte” (FOUCAULT, 2017, p. 149).

O conceito de *biopolítica* é tido, então, como as tecnologias de gestão dos corpos e da vida das populações, que se configuram através de uma integração de técnicas disciplinares, saberes médicos e práticas políticas, que se dispõem de forma sutil. Tais técnicas atuam como mecanismos de assistência social, segurança e saúde de uma população, visando um controle do Estado para com a mesma (FOUCAULT, 2008). Assim como as relações de poder, a *biopolítica* perpassa diferentes instituições de um corpo social, visando uma melhoria da gestão da vida, tornando-a útil, produtiva, saudável; ela “[...] caracteriza um poder cuja função mais elevada não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo” (FOUCAULT, 2017, p. 150).

Ferla, Oliveira e Ramos (2011), seguindo pressupostos teóricos de Foucault, enfatizam que, após meados do século XVIII, os saberes médicos começaram a se modificar, dando espaço a uma medicina moderna, a qual passou a ser pautada na organização hospitalar, dando atenção à saúde, configurando-se através do investimento dos corpos individuais e coletivos, concretizando novas formas de saber-poder em relação aos corpos e a vida. Essas formas de saber-poder, dizem respeito às

tecnologias hospitalares que passaram a atuar buscando proporcionar qualidade de vida nas pessoas.

Desta forma, ressalta-se a *biopolítica* como a regulamentação de uma população, voltando-se às tecnologias da vida, não levando em consideração os sujeitos apenas de uma forma individual, mas a partir de um coletivo, formando um corpo social (FURTADO; CAMILO, 2016). Essas tecnologias da vida são atreladas às tecnologias de si, que, por sua vez, são formas de autorregulação, as quais tornam sujeitos responsáveis por si mesmos, sem precisar de técnicas altamente restritivas e/ou coercitivas, pois há a internalização dessa autorregulação (LEMKE, 2017).

Já com relação ao termo/conceito denominado *necropolítica*, de acordo com Hilário (2016), esse foi cunhado pelo historiador e cientista político camaronês Achille Mbembe, que possui relação com o chamado pós-colonialismo, advindo do pensamento social africano e latino-americano.²

Ao longo dos séculos XIX-XX, durante os períodos da colonização europeia, descolonização e reorganização das sociedades africanas, os intelectuais nascidos na África apropriaram-se de um vasto conjunto de referenciais teóricos, conceituais e metodológicos, empregando-os para expressar a posição de seus coetâneos em relação ao mundo. Paralelamente aos saberes orais, tradicionais, e à experiência vivida que orientavam as formas de organização sociocultural dos povos anteriores ao período de predomínio europeu, ganhou corpo um novo tipo de

² Outra importante obra deste autor, que possui grande importância para os estudos pós-coloniais, é *Crítica da Razão Negra*, obra na qual o autor busca uma reflexão sobre o mundo contemporâneo, a partir da experiência negra,

destacando que a visão do negro no mundo de hoje foi construída pelo sistema escravista nos primórdios do colonialismo. Assim, a definição de negro é uma categoria social que se confunde com os conceitos de escravo e de raça.

saberes, eruditos, fundados em pressupostos acadêmicos, científicos, que deu sustentação ao que se tem denominado de pensamento social africano (MACEDO, 2016, p. 281).

Além de Mbembe, vários outros autores dão destaque ao movimento, como por exemplo, Anibal Quijano, Frantz Fanon, Paulin Hountondji e Valentin Mudimbe. A corrente conhecida como decolonialismo ou pós-colonialismo possui como intuito principal propor perspectivas que quebram com uma visão de todo o globo voltado ao pensamento “eurocêntrico”, trazendo a perspectiva de demais localidades ao redor do mundo, sendo elas a África, América Latina e parte da Ásia, consequentemente enquadrando-se o contexto brasileiro (MACEDO, 2016). Assim, o que é tratado como “pensamento decolonial [ou pós-colonial] é um movimento de resistência- teórico, epistêmico, cultural, prático e político –, à lógica da Modernidade/Colonialidade” (ALMEIDA; SILVA, 2015, p. 43).

Achielle Mbembe, na obra *Necropolitics* (2018), desenvolveu o conceito a partir da ideia de uma política centrada na produção de morte em larga escala, sendo característica de um mundo que está passando por uma crise sistêmica. Essa concepção sobre produção de morte pode ser vista tanto de forma física, política ou simbólica (MBEMBE, 2014). Neste sentido, a *necropolítica* é tida como uma estratégia de manter a sociedade em um modelo voltado à lógica de um mercado de consumo, ou seja, à produção de trabalho e capital. Tal fato ocorre porque a base do sistema

social é o próprio trabalho vivo, o qual é voltado para a produção de mercadorias, desenvolvendo forças produtivas (HILÁRIO, 2016).

Mbembe (2018) propôs um pensamento sobre as diferenças e as formas de se julgar a vida a partir do poder da morte, baseando-se em reflexões no mundo contemporâneo. Para tal, levou em consideração que o sistema capitalista se respalda na produção de “massas supérfluas”³, as quais são vistas como indivíduos que não condizem com as lógicas de esquemas de trabalho vivo, que, consequentemente, são excluídos da composição socioeconômica atual, passando a viver de formas consideradas precárias socialmente.

Realizadas estas considerações iniciais, destacamos que o presente artigo foi traçado a partir de um viés qualitativo. Godoy (1995), ressalta que a forma de se fazer pesquisa qualitativa se dá por uma perspectiva de modo integrado, havendo uma preocupação com o ambiente social que compõe o objeto a ser pesquisado.

Deste modo, esse trabalho apresenta-se como uma pesquisa exploratória de materiais bibliográficos, de acordo com o objetivo proposto. Severino (2007), caracteriza uma pesquisa exploratória como sendo o levantamento de informações sobre determinado objeto, delimitando um campo de trabalho e mapeando as condições em que esse objeto se manifesta.

Para o desenvolvimento do artigo, foram utilizadas produções bibliográficas referentes ao conceito de *necropolítica* e *biopolítica*, sobre as quais realizamos uma problematização quanto as possíveis relações entre ambos. A obra

³ Compreende-se por “massas supérfluas”, a população que se encontra condições absolutamente precárias, são as “massas economicamente supérfluas” como propõe

Arendt (2013, p. 120), supérfluo no sentido de excesso, um excesso desnecessário. Sobre este conceito consultar: Arendt (2013) e Hillani (2018).

que referencia o conceito de *biopolítica* chama-se *O nascimento da biopolítica* (FOUCAULT, 2008), que foi escolhida pelo fato de se tratar de uma obra que indica o amadurecimento do conceito por parte do autor, o qual já havia sido abordado em obras anteriores (LAUDINO, 2016). Já a referência para o termo *necropolítica*, foi proposta na obra que leva o mesmo nome do conceito, *Necropolítica* (MBEMBE, 2018), que diz respeito à produção em que o termo foi melhor desenvolvido.

Além das duas obras citadas acima, foram analisados pressupostos teóricos propostos por comentadores de ambos autores, bem como demais produções que compõe o acervo teórico destes, complementando assim as discussões realizadas.

O texto propõe realizar uma análise sobre as relações e divergências entre estes termos/conceitos, *biopolítica* e *necropolítica*, enfatizando a abordagem que cada um destes possui acerca do “controle das populações”, mas também, destacando sua relação com a realidade social. Como será explicitado no tópico a seguir, a construção do conceito de *necropolítica*, não se deu como forma de refutação ao conceito de *biopolítica*, mas sim, como forma de complementação dele, ou seja, a criação deste termo serviu como forma de observar uma realidade social que se diferenciava daquela analisada por Michel Foucault, qual seja o contexto europeu.

Inter-relações entre a *biopolítica* e *necropolítica*

Tendo em conta as considerações acerca dos conceitos de *necropolítica* e *biopolítica*, explicadas ao longo do primeiro tópico deste ensaio, é possível identificar que as duas concepções se relacionam, no que diz respeito ao fato

que ambos autores dão destaque às formas de controles sociais.

Para Foucault (2008), o controle social das populações, a partir da constituição de lógicas liberais, passou a ser realizado através de dispositivos de produção da vida, como técnicas disciplinares, políticas e saberes médicos, além de outras formas de saber, que constituíram uma concepção singular de saúde, ou seja, uma nova condução das condutas dos sujeitos, o que o autor caracterizou como *biopolítica*.

Benevides e Carvalho (2015, p. 363), descrevem a *biopolítica* como “[...] um conjunto de problemas e/ou acontecimentos relacionados à vida e à espécie humana a partir de uma racionalidade governamental que possui a população como alvo, os dispositivos de segurança como instrumento e a otimização da vida como fim”. Com isso, os autores argumentam que houve uma redefinição da vida a partir da economia. Estratégias específicas em relação ao funcionamento da vida dos sujeitos passaram a estar cada vez mais em evidência, tais como a satisfação, o prazer, o consumo e a saúde. Os contextos laborais ficaram cada vez mais associados a um ideal de humanização, entretanto as prestações de serviços passaram a exigir demasiadamente uma doação integral por parte dos trabalhadores.

Com essas transformações do corpo social, houve uma captura das dimensões subjetivas dos sujeitos (BENEVIDES; CARVALHO, 2015). É a ideia de viver trabalhando para que se possa ter dinheiro para poder consumir, e se sentir satisfeito com isso.

Como já abordado, a *biopolítica* trata-se das estratégias de manutenção da vida. Todavia, cabe ressaltar que o funcionamento da *biopolítica* não pauta-

se exclusivamente na produção da vida, mas também da morte. Como afirma Duarte (2007, p. 04):

[...] tal cuidado da vida de uns traz consigo, de maneira necessária, a exigência contínua e crescente da morte em massa de outros, pois é apenas no contraponto da violência depuradora que se podem garantir mais e melhores meios de sobrevivência a uma dada população. Não há, portanto, contradição entre o poder de gerência e incremento da vida e o poder de matar aos milhões para garantir as melhores condições vitais possíveis: toda biopolítica é também, intrinsecamente, uma tanatopolítica.

Neste sentido, é possível afirmar que as estratégias de controle social tal qual foram propostas por Foucault, também perpassam aspectos sobre a produção da morte. Aspectos esses que foram difundidos detalhadamente por Achille Mbembe ao estruturar o conceito de *necropolítica*.

Mbembe (2018) compreende que há certa insuficiência em relação à noção foucaultiana de *biopolítica* para com as práticas contemporâneas, sendo assim, o conceito de *necropolítica* apresenta-se enquanto um desenvolvimento posterior à *biopolítica*. O teórico enfatiza que há a produção de morte em larga escala com indivíduos que são considerados “descartáveis” por um meio social capitalista, o que produz uma crise sistêmica (MBEMBE, 2018).

Essa noção de sujeitos descartáveis pode ser pensada a partir de colocações de Tótor (2011), que aborda que alterações no “modelo de existência” da população propuseram modificações no campo social, que passou a se articular em uma lógica econômica. Assim, os sujeitos foram lançados em um mercado competitivo, que gera elevado destaque

àqueles que obtiverem maior acúmulo de capital, desconsiderando os demais, como se fossem, de fato, descartáveis. Neste sentido, pessoas que não estão condizentes às construções de dispositivos de poder em um meio social, são descartadas.

Devido à forte competitividade do mercado econômico que faz com que sujeitos adentrem-se à uma lógica voltada ao acúmulo de capital, as condições de existência em sociedade acabam, conseqüentemente, tornando-se cada vez mais fragmentadas, levando em consideração que o modelo que apresenta-se em vigor conta com características de um neoliberalismo, ou seja, tem como objetivo primordial o lucro por parte de indivíduos. A autora enfatiza que a modernidade ocasionou modificações no campo social, que passaram a se articular em uma lógica predominantemente econômica, resultando em uma sociedade de consumo (TÓTORA, 2011).

Mbembe (2018), aborda que o controle social das populações é produzido pela destruição, de forma concreta e simbólica, de corpos e grupos humanos julgados como supérfluos pelo sistema capitalistas. Em outras palavras, sujeitos que se encontram na parcela tida como mais empobrecida da sociedade, acabam sendo vistos como irrelevantes.

Pela forma concreta, pode-se exemplificar a *necropolítica* a partir da alta taxa de mortalidade em ambientes de cárcere, através da execução de indivíduos encarcerados por parte de facções existentes dentro dos próprios presídios ou por profissionais responsáveis pela ordem destes lugares. As penalidades de morte, sendo estas legalizadas ou não, pois muitas vezes execuções como essas são pertencentes à ideologia da “justiça com as próprias mãos”. Outro exemplo são os massacres

ocorridos em comunidades periféricas, existentes também por intermédio de facções, ou por ações de agentes do Estado.

Já a destruição pela forma simbólica (MBEMBE, 2003/2018), se dá pela morte simbólica, muitas vezes podendo ocorrer pelas superlotações em presídios, onde indivíduos são “descartados” e esquecidos, vivendo em aglomerações humanas dentro de pequenos espaços. Bem como através do impedimento de investimento nas áreas de saúde, educação, assistência social, segurança, etc., o que acaba causando um estado de precariedade. Com a diminuição do orçamento de políticas públicas de saúde, educação, assistência social e segurança, um sistema social permite-se escolher suas vítimas, produzindo assim efeitos nas intersubjetividades cotidianas contemporâneas. Esses apresentam-se como alguns exemplos de uma *necropolítica* em sua forma simbólica.

Ao apresentarmos as diferentes concepções teóricas acerca do comportamento político de sociedades contemporâneas, propostas pelos dois referidos autores principais que este artigo trata, ressaltamos que, apesar dos distintos pontos de vista, os aparatos teóricos destacados não caracterizam-se como contrários, mas complementares; tendo em conta que Achille Mbembe toma o pensamento de Michel Foucault como uma das bases para a formulação de sua teoria, sendo uma posterior à outra.

Considerações finais

O presente trabalho objetivou problematizar dois conceitos: o de *necropolítica*, desenvolvido pelo camaronês Achille Mbembe (2018), em contraste à ideia do filósofo francês Michel Foucault (2008) sobre *biopolítica*. Como apontado por Duarte

(2007), a *biopolítica* passou a ser uma ferramenta de diagnóstico das conjunturas políticas contemporâneas, podendo ser compreendida como uma tecnologia que gere a vida, dispondo de novas conduções das condutas dos sujeitos a partir de dispositivos de produção e regulação dos modos de ser.

Já Mbembe (2018), ao formular a concepção de *necropolítica* baseando-se em uma perspectiva de morte em larga escala, tanto de forma concreta quanto simbólica, em um modelo de existência pautado em lógicas econômicas capitalistas, que resultou em sociedades de consumo cada vez mais fragmentadas, propôs que o pensamento foucaultiano acaba por não condizer à todas as conjunturas sociais, mas à apenas uma parte delas: o contexto europeu.

Ao longo deste ensaio, destacamos que houve a compreensão de que Mbembe (2018) apresenta uma contraposição à *biopolítica*, todavia não a refuta. Hilário (2016), aborda que Mbembe enfatiza que houve uma passagem de uma *biopolítica* para uma *necropolítica*, no que se refere às realidades das periferias de sociedades capitalistas na contemporaneidade (África, América Latina e parte do continente asiático).

Ressaltamos que Mbembe (2018), através de suas concepções sobre *necropolítica*, visa ampliar discussões acerca do controle social das populações, enquadrando-se na linha de pensamento surgida na África denominada “periferias do capitalismo”, como ressalta Hilário (2016). De acordo com Mbembe, a perspectiva foucaultiana é cunhada em um contexto eurocêntrico, não conseguindo abarcar o cotidiano/realidade de populações periféricas na contemporaneidade. Sendo assim, perspectivas como a de Mbembe cabem para dar sentido à

realidade de outros cenários sociais que estejam destoados do âmbito europeu.

Salientamos que as duas conjunturas políticas destacadas neste trabalho capturam as dimensões subjetivas dos sujeitos, visto que os indivíduos se produzem subjetivamente e se reconhecem enquanto sujeitos de acordo com o contexto social o qual estão vivenciando. Tanto a *biopolítica* quanto a *necropolítica* articulam-se de acordo com lógicas de controle populacionais, assim, os sujeitos vão produzindo-se subjetivamente de acordo com suas experiências nessas lógicas.

Também destacamos que, em uma breve pesquisa sobre produções acadêmicas (como livros, dissertações, teses e artigos), podemos identificar um gigantesco número de trabalhos que abordam a potencialidade dos conceitos de *biopolítica* e *necropolítica*.

Foucault, como salientou Paul Veyne (1998), em certa medida, revolucionou os estudos das áreas das Ciências Humanas e Sociais. Sua produção acadêmica, em especial seus conceitos sobre relações de saber-poder, biopoder, *biopolítica* e modos de subjetivação, influenciaram uma gama de pesquisadores brasileiros, que produziram inúmeras discussões, problematizações e debates sobre diferentes aspectos da sociedade brasileira desde o final da década de 1970 até a atualidade⁴.

Já com relação a Achille Mbembe, sua produção acadêmica também tem ganhado destaque no contexto brasileiro, em especial a partir da consolidação de grupos de pesquisas que têm se dedicado

as abordagens epistemológicas referentes ao pós-colonialismo. A exemplo destacamos a obra *Não, Ele Não Está*, da pesquisadora Maíra de Deus Brito, que, entre suas análises, avança na caracterização das dimensões que compõem o genocídio negro e, nesse caso, aposta na potência da noção de *necropolítica* para articular questões relativas à: violência de estado, adoecimento e a debates sobre as relações de gênero. Sua obra se caracteriza como uma voz que responde as de mulheres negras residentes nas periferias urbanas brasileiras, que perderam seus filhos para a violência do estado.

Podemos ainda citar outros trabalhos acadêmicos, como o artigo de Sulen Aires Gonçalves, “*Parem de nos matar*”: sobre dor e *necropolítica* no Brasil, e o texto de Juliana Borges *Necropolítica na metrópole: extermínio de corpos, especulação de territórios*. Ambos textos buscam relacionar os debates de Mbembe sobre a experiência africana com a realidade social brasileira, a qual, assim como a África, se encontra na periferia do capitalismo.

Como proposto em parágrafos anteriores, o presente ensaio buscou realizar um breve debate entre alguns conceitos de importantes pesquisadores contemporâneos, de um lado o clássico filósofo francês Michel Foucault, e do outro, um dos mais importantes precursores do pensamento social africano Achille Mbembe.

A partir das discussões aqui apresentadas, cabe a problematização de como pode-se perceber o contexto social brasileiro contemporâneo. Este estaria

⁴ Ainda ocorrem no contexto brasileiro, uma série de seminários, colóquios e congressos que tratam sobre os pressupostos teórico-metodológicos foucaultianos. Exemplos: Colóquio Nacional de Filosofia Michel Foucault

(organizada pela Universidade Federal Fluminense) e Colóquio Nacional de Estudos Discursivos Foucaultianos (Organizado pela Universidade Federal da Paraíba).

dentro das lógicas propostas a partir do ponto de vista de uma *biopolítica*? De uma *necropolítica*? Ou apresentaria características para uma nova concepção? Com a analítica proposta a partir deste trabalho, ficam abertos espaços para estudos posteriores sobre o tema, levando em consideração perspectivas da sociedade brasileira.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

ALMEIDA, Eliene Amorim de; SILVA, Janssen Felipe da. Abya Yala como território epistêmico: pensamento decolonial como perspectiva teórica. **Revista Interterritórios**, v. 01, n. 01, 2015, p. 42-64. Disponível em: <https://doi.org/10.33052/inter.v1i1> Acessado em: 25 de junho/2019.

BENEVIDES, Pablo Severiano; CARVALHO, Tainã Alcantara. Biopolítica, subjetividade: uma análise das principais transformações laborais no capitalismo contemporâneo. **Revista Subjetividades**, v. 15, n. 03, 2015, p. 362-374. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v15n3/05.pdf>. Acessado em: 30 de julho/2020.

BORGES, Juliana. Necropolítica na metrópole: extermínio de corpos, especulação de territórios. **Blog Boi Tempo [online]**, 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/> Acesso em: 01 de junho/2019

BRITO, Maíra de Deus. **Não, ele não está**. Curitiba: Appris Editora, 2018.

DUARTE, André Macedo. Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI. **Revista Cinética** (Ensaio Crítico), v.01, 2008, p. 1-16. Disponível em: http://www.revistacinetica.com.br/cep/andre_duarte.htm. Acessado em: 30 de julho/2020.

FERLA, Alcindo Antônio; OLIVEIRA, Paulo de Tarso Ribeiro de; LEMOS, Flavia Cristina Silveira. Medicina e hospital. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n. 03, 2011, p. 487-500. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v23n3/v23n3a04> Acessado em: 20 de junho/2019.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976), (1ª

Ed.). Trad. Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. (13ª Ed.). Trad. Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2017.

_____. **Nascimento da biopolítica**: curso no Collège de France (1978-1979), (1ª Ed.) Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FURTADO, Rafael Nogueira; CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**, v. 16, n. 3, 2016, p. 34-44. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.3.34-44>. Acessado em: 30 de junho/2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 03, 1995, p. 20-29. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acessado em: 23 de junho/2019.

GUARESCHI, Neusa Maria de Fatima; LARA, Lutiane de; ADEGAS, Marcos Azambuja. Políticas públicas entre o sujeito de direitos e o homo economicus. **Revista PSICO**, v. 41, n. 03, 2010, p. 332-339. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8163> Acessado em: 22 de junho/2019.

GONÇALVES, Suelen Aires. “Parem de no matar”: sobre dor e necropolítica no Brasil. **Sul 21 [online]**, 2018. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2018/06/> Acessado em: 01 de maio/2019.

HILLANI, Allan M. **Na urgência da catástrofe**: violência e capitalismo. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Da Biopolítica à Necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. **Sapere Aude**, v. 07, n. 12, 2016, p. 194-210. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/11813>. Acessado em 30 de abril/2019.

LAUDINO, Alexandre de Lourdes. **Reflexões sobre biopolítica na filosofia de Michel Foucault**: considerações sobre a metodologia e sobre o controle da população. Dissertação (Mestrado em Filosofia – UFRRJ). Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em:

<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1935>

Acessado em: 29 de abril/2019.

LEMKE, Thomas. Foucault, governmentabilidade e crítica. Trad. Eduardo A. C. Santos. **Revista Plural**, v. 24, n. 01, 2017, p. 194-213. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2017.137508>. Acessado em: 30 de junho/2020.

MACEDO, José Rivair. Intelectuais africanos e estudos pós-coloniais: considerações sobre Paulin Hountondji, Valentin Mudimbe e Achille Mbembe. **Revista OPSIS**, v. 16, n. 02, 2016, p. 280-298. Disponível em: [file:///C:/Users/dani_/Downloads/37298-Textodoartigo-184925-1-10-20161104%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/dani_/Downloads/37298-Textodoartigo-184925-1-10-20161104%20(1).pdf). Acessado em: 31 de janeiro/2019.

MBEMBE, Achille. Necropolitics. **Public Culture**, v. 15, n. 01, 2003, p. 11-40. Disponível em: <https://watermark.silverchair.com> Acessado em: 30 de abril/2019.

_____. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

_____. **Necropolítica**. São Paulo: n1, 2018.

REIS, Mauricio de Novaes; ANDRADE, Marcia Freitas Ferraz de. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 202, 2018, p. 01-11. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070> Acessado em: 05 de julho/2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

TÓTORA, Silvana. Foucault: biopolítica e governamentabilidade neoliberal. **Revista REU**, v. 37, n. 02, 2011, p. 81-100. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/646>. Acessado em: 20 de abril/2019.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora UnB, 1998.

Recebido em 2019-07-11

Publicado em 2020-09-21